

O tempo na construção dos saberes científicos¹

*Julieta Beatriz Ramos Desaulniers**

Resumo

Neste artigo pretende-se tecer algumas considerações a respeito de como o tempo constitui-se um ponto de referência indispensável à produção de saberes científicos - relacionados à memória e outras categorias de análise - entendendo que a realidade social é construída historicamente a partir das relações que os indivíduos estabelecem entre si e com a natureza, no decorrer do tempo. Esse pressuposto articula-se a algumas suposições que se referem ao tempo enquanto uma categoria de análise universal.

Palavras-chave: História da Educação, saber científico

Abstract

Understanding that social reality is a historical construction of relationships among individuals and between them and nature along the time, this article intends to make some considerations about "time" as an indispensable reference point to the production of scientific knowledge related to memory and to other categories of analysis. That supposition is articulated to some assumptions that refer to time as a universal category of analysis.

Keyword: History of Education, scientific knowledge

¹ Este texto com poucas alterações, obteve o "aceite" do comite organizador para ser apresentado no XVIII ISCHE (Internitonal Standing Conference for the Education), que se realizou em Cracóvia/Polônia, de 06/08 a 09/08/96. Insere-se no conjunto de atividades desenvolvidas junto à linha de pesquisa **Formação, Trabalho, Instituição**, tendo o apoio da FAPERGS e CNPq.

* Professora do Departamento de Ciências Sociais/IFCH, do Mestrado em Serviço Social e Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do RGS - Brasil. E-mail: julietard@music.pucrs.br

1. Introdução

Neste artigo pretende-se tecer algumas considerações a respeito de **como o tempo** constitui-se um ponto de referência indispensável à produção de saberes científicos - relacionados à **memória** e outras categorias de análise -, entendendo que a realidade social é construída historicamente a partir das relações que os indivíduos estabelecem entre si e com a natureza, no decorrer do **tempo**. Esse pressuposto articula-se a algumas suposições que se referem ao **tempo** enquanto uma categoria de análise universal:

a) O **tempo** ocupa uma posição de categoria universal em virtude de sua aplicabilidade a todas as áreas das Ciências Humanas e Sociais. Durkheim, como outros grandes estudiosos, afirma que as categorias aparecem como instrumentos científicos de pensamento, forjados laboriosamente pelos grupos humanos durante séculos, e nos quais eles acumulam o melhor de seu capital intelectual.

b) O **tempo**, como categoria de análise que contém e condensa toda uma parte da história da humanidade, constitui-se ele mesmo um documento, uma instituição, um verdadeiro instrumento de compreensão do real, independente da disciplina ou área da ciência em questão. Insiste-se no entanto que, para capturar a significação de uma categoria de análise, é necessário recorrer a procedimentos diferentes daqueles que se baseiam no senso comum. Para se saber do que se constitui uma categoria, já que não foi forjada individualmente, não é suficiente interrogar a nossa consciência; é para fora de nós que se deve olhar, é na história (na realidade) que se situa o foco de observação. Trata-se da ciência em sua complexidade - e que só pode avançar lentamente por meio de um trabalho coletivo.

c) Associados ao novo espírito científico, os pressupostos epistemológicos que embasam a pesquisa de uma maneira geral, fundamentam-se na perspectiva histórica para capturar a teia complexa de relações que constitui o real. As discontinuidades que o configuram estão relacionadas com os vários ritmos, durações e formas de representação do **tempo** (vivido e pensado), já que ele não existe em estado puro, mas é constituído pelo cenário que o encerra. O **tempo** é concebido também como um meio que coloca ordem nas relações entre os sentidos e as imagens, não é um simétrico em relação ao espaço, mas o englobando, assim como o espaço abarca os objetos. Ou seja, o espaço contém o **tempo** comprimido e, por isso, o registro do **tempo** deve ser considerado no plural e não no singular. Captura-se o **tempo** passado de qualquer fenômeno, pelas **memórias** - as "n" possibilidades de materialização do social.

d) O ritmo de mudanças gerado pelo aprimoramento da tecnologia, tende a provocar grandes rupturas, na dinâmica social no final desse século,

as quais passam a exigir novas posturas, baseadas numa visão mais integrada e globalizante da realidade social, tanto no âmbito do planejamento e da pesquisa, quanto nas ações de cunho pedagógico. Por isso, vale insistir na posição *carrefour* que a **História** ocupa junto às áreas das Ciências Humanas e Sociais, procurando enfatizar os principais aspectos teórico-metodológicos que têm condições de efetuar tal articulação, em especial a categoria **tempo**, cujo interesse é universal. Pode-se dizer que toda produção de saberes científicos que considera essa perspectiva dispõe de mais elementos para efetivar as ratificações necessárias nesse processo, podendo contribuir ainda mais com o contexto social em que está inserido e no qual se situa a razão última de tal empreendimento.

2. Tempo: uma categoria universal

O vínculo que temos com o **tempo** remonta não só aos primórdios da nossa própria história individual, mas aos primórdios da história de toda humanidade, pois somos constituídos no e com o **tempo**, tanto que não existimos sem ou fora do **tempo**, assim como o **tempo** não existe senão em nós, enquanto sua expressão e materialidade. Há afirmações bastante categóricas nesse sentido: a vida é por excelência o fenômeno do **tempo** e nada do que existe é atemporal².

Por isso, o **tempo** é uma das “noções essenciais que dominam toda a nossa vida intelectual”, situando-se entre aquelas denominadas pelos filósofos, desde Aristóteles, de “categorias do intelecto: noções de **tempo**, **de espaço**, **de número**, **de causa**, **de substância**, **de personalidade** etc. Elas correspondem às propriedades mais universais das coisas”. Tais noções “são como que as molduras sólidas que engastam o pensamento, que parece não poder se desvencilhar delas sem se destruir”, ...“parecem-nos quase inseparáveis do funcionamento normal do espírito. São como a ossatura da inteligência”³.

Assinala Durkheim que essas noções são de origem social e, nessa medida, “não apenas elas não dependem de nós, mas impõem-se a nós” e, enquanto “representações essencialmente coletivas, elas traduzem antes de tudo estados da coletividade; dependem da maneira pela qual essa é constituída e organizada, da sua morfologia, das suas instituições religiosas, morais, econômicas etc.”.

Nessa perspectiva, as categorias de caráter universal, assim como a categoria **tempo**, aparecem como “instrumentos científicos de pensamento”,

² GRIMALDI, Nicolas. Le temps peut-il être un principe ? In: *Bolletín de la Société Française de Philosophie*. Paris: Armand Colin, t. 87, 1993.

³ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989, p.38.

sendo comparáveis à ferramenta entendida enquanto capital material acumulado. Também apresentam um estreito parentesco com instituição, na medida em que “toda uma parte da humanidade aí está como que resumida”⁴.

Face a argumentos tão incisivos, seria de se supor que a categoria *tempo*, na condição de categoria universal, constitui-se um elemento indispensável à análise do real, para toda e qualquer área da ciência. No entanto, essa não é uma questão tão óbvia como parece. Na verdade, a utilização dessas categorias de análise, resultantes de um trabalho coletivo, tem sido condicionada por um jogo de disputas mais ou menos acirrado entre as esferas do conhecimento dito científico, em função principalmente da demarcação de fronteiras, de modo especial entre as disciplinas que tratam da realidade humana e social - problema sobre o qual se debruçam vários estudiosos, há muitas décadas.

Vale aqui um parêntese sobre o problema das fronteiras nas Ciências Humanas e Sociais, após o qual retoma-se o debate sobre a categoria *tempo*. Sem dúvida, o esforço de delimitar áreas é necessário e salutar, pois à medida que cada uma delas estabelece suas diferenças em relação às demais, obtém também um maior reconhecimento das características e das possibilidades de que esse conjunto de disciplinas se vale, ao abordar os fenômenos que se constituem seus objetos de estudo. Isso tem permitido, de algum modo, “a instalação de um mercado comum”⁵ entre as Ciências Sociais, o qual não chega a impedir que cada área se configure e se desenvolva com base em suas próprias especificidades.

Contudo, a delimitação entre essas áreas e o conseqüente reconhecimento das possíveis (às vezes, indispensáveis) articulações entre as mesmas não tem sido suficiente para eliminar as querelas em torno dessa questão, como por exemplo a articulação entre a Sociologia e a História, que continua polêmica e tem sido marcada por períodos inclusive de uma certa efervescência.⁶

Isso acontece, em especial nos meios acadêmicos que, com relativa frequência, têm exigido que o respeito a tais limites seja rigorosamente observado, mais como defesa de uma propriedade do que em benefício do saber. Inclusive chega-se a certos extremos que se configuram como verdadeiros atentados à produção do conhecimento científico, na medida em que alguns pesquisadores empregam abordagens pelas quais se reduz a complexidade do real, justamente por desprezarem dimensões

⁴ Idem, op. cit. p. 49.

⁵ BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Presença Ltda., 1986, p.8.

⁶ Expressão aqui utilizada de acordo com a concepção de Durkheim, op. cit. p. 265.

significativas do problema em nome das ditas fronteiras entre as áreas das Ciências Humanas e Sociais.

A própria denominação - Ciências Humanas e Sociais - é resultado de polêmicas que parecem já superadas⁷. Porém, isso não significa que tudo está definitivamente resolvido, visto que ainda permanecem problemas relativos à demarcação das fronteiras que especificam as características de cada uma das suas disciplinas.

Afirmações de grandes estudiosos são suficientes para evidenciar que essa polêmica poderá tornar-se interminável se o embate for sempre travado em função de interesses de auto-presevação, que levam em conta apenas fatores de ordem estritamente particular, quando defendem a importância das fronteiras entre as disciplinas como um fundamento do processo de construção do saber científico.

Conforme Paul Veyne, “não existe algum critério que estabeleça uma demarcação entre o histórico e o não-histórico”. Então, “o que se deve fazer, é admitir que tudo pode tornar-se objeto da História. Para isso, é suficiente ter acontecido”⁸. Com essas idéias, ele afirma que “tudo é histórico, portanto a História não existe”. Em outros termos, basta admitir que “tudo é histórico e que a História é apenas uma resposta a nossas perguntas”, porque ela não é capaz de “formular todas as questões, descrever todo o devir, e porque o progresso do questionário histórico situa-se no tempo e é tão lento como o progresso de qualquer outra ciência”. Assim, conforme ele, essa problemática torna-se, ao mesmo tempo, evidente e inofensiva⁹.

Também para o antropólogo Claude Lévi-Strauss tudo é História, pois “o que foi dito ontem é História, o que foi dito há um minuto é História”¹⁰. Para Braudel, igualmente, “não existe **uma** História, **um** ofício de historiador, mas sim ofícios, histórias, uma soma de curiosidades, de pontos de vista, de possibilidades”. Ou ainda, para ser melhor compreendido por um sociólogo, diz ele que “existem tantas maneiras,

⁷ Essa é uma questão que tem suas origens na Idade Média, quando se iniciou a construção da ciência, assim como seus meios de difusão e de inculturação. Nesse período, a teologia ocupava um papel de liderança na construção do saber; no Renascimento, a filosofia e as ciências da natureza ficam em evidência atingindo uma progressiva autonomização durante o século XIX; também, nesse século, surgem como matérias de ensino ou disciplinas, algumas das áreas das Ciências Humanas. Aliás, é nessa época que tal denominação começa a ser questionada por marxistas, que preferiam a expressão de Ciências Sociais para designar o estudo dos fenômenos sociais. Isso que, para muitos, é algo meramente nominalista, já se encontra mais ou menos solucionado com o emprego da denominação **Ciências Humanas e Sociais**. In: LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a História*. Lisboa:Edições 70, 1986, p.36, 40 e 41.

⁸ In: SILVA, Maria Beatriz Nizza (org.). *Teoria da História*. São Paulo:Cultrix, s/d, p. 10.

⁹ VEYNE, Paul. Tudo é histórico, portanto a História não existe. In: SILVA, op. cit. p. 55.

¹⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. *L'Anthropologie structurale*. Paris, 1958, p.17.

discutíveis e discutidas, de abordar o passado, quantas as atitudes que existem perante o presente”¹¹.

Ora, as considerações feitas desde o início desse texto assinalam que é inquestionável o caráter universal da **categoria tempo** e reforçam a idéia de que, embora existam ainda certos entraves à efetiva utilização, é necessário empreender esforços para explorar todas as possibilidades desse fundamental instrumento de análise, para garantir maior eficácia e rigor aos estudos e pesquisas que visam aprofundar a compreensão do real.

3. Tempo: um instrumento de compreensão do real

Categorias como a de **tempo** precisam ser exploradas em todo o seu potencial. Constituem, na verdade, verdadeiras testemunhas do real e, em geral, se fazem compreender melhor que os próprios documentos, pois elas contém múltiplas implicações e são associadas a coisas compartilhadas, que precisam ser descobertas¹².

Tais categorias envolvem uma complexidade jamais apanhada por análises simplistas como as defendidas pelo empiricismo. Para se compreender uma categoria de análise, insistem alguns estudiosos, é necessário recorrer a procedimentos diferentes daqueles que se baseiam no senso comum. Para sabermos do que são constituídas tais categorias, já que não foram forjadas por nós, não é suficiente interrogarmos a nossa consciência; é para fora de nós que devemos olhar, é a história (a realidade) que devemos observar, é toda uma ciência complexa que só pode avançar lentamente, por meio de um trabalho coletivo¹³.

Nessa perspectiva, mesmo não se pretendendo uma fusão¹⁴ entre as disciplinas das chamadas Ciências Humanas e Sociais, uma questão importante, conforme Jean-Claude Passeron, continua sem resposta : como a Sociologia e a História, epistemologicamente indissociáveis, continuam separadas ?¹⁵

O fato é que, apesar de esse debate antigo ser ainda tão presente, “todas as Ciências Humanas e Sociais se contaminam umas às outras”, e nenhuma delas, mesmo a “História, escapa a essas epidemias”¹⁶. Alguns cientistas, inclusive, vêm empreendendo esforços com a firme decisão de

¹¹ BRAUDEL, op. cit. p. 69.

¹² NISBET. R.A. *La tradition sociologique*. Paris:PUF, 1984.

¹³ DURKHEIM, op. cit. p.49.

¹⁴ Mais detalhes In: LE GOFF, op. cit. p.57.

¹⁵ Outras considerações sobre essa questão encontram-se em RUANO-BORBALAN, Jean-Claude. Histoire et Sociologie - les démêlés d'un vieux couple. In: *Revue de Sciences Humaines*. Paris, n. 29, 1993.

¹⁶ BRAUDEL, op. cit. p. 71.

“ignorar as fronteiras entre as disciplinas”¹⁷, o que contribui para consolidar a importância da perspectiva histórica, assim como a de outras áreas da ciência para a construção do conhecimento científico, já que é “o ponto de vista que cria o objeto”, jamais ele existe em si, mas ele “é relativo aos diferentes pontos de observação e às coordenadas espaço-temporais dessa observação”¹⁸.

Tanto o *tempo* como as demais categorias, enquanto instrumento de análise, podem instaurar rupturas em relação ao conhecimento ingênuo, desde que os procedimentos utilizados se sustentem no princípio básico segundo o qual fazer ciência, hoje, significa fazer a “mediação do objeto pelo sujeito”. Em outras palavras, operar com tais categorias implica, necessariamente, caminhar do racional ao real, entendendo que a experiência científica nada mais é que uma razão confirmada, ou seja, é “apreendida pela teoria antes de ser descoberta pela observação”¹⁹.

Conforme Bachelard, as circunstâncias do real estão naturalmente baralhadas, e sua organização é capturada, através dos métodos racionais que investimos sobre elas. Nessa perspectiva, mesmo se é o “objeto que fornece os elementos à prova”, o qual se apresenta “como um complexo de relações”, a proposição de “juízos sintéticos *a priori*” é indispensável para se restituir ao fenômeno todas as suas solidariedades e, ao mesmo tempo, “romper com o nosso conceito de repouso”²⁰.

Apreender a dinâmica em que o real se movimenta à medida que ele se constrói - e esse é um dos fundamentos da produção do conhecimento científico -, implica a captura do *tempo* em que o fenômeno é constituído, enquanto “uma teia de relações”, procurando evidenciar seus vários ritmos, durações, formas de representação (do *tempo* vivido e do *tempo* pensado).

Por isso, o *tempo* é uma categoria de estudo que, cada vez mais, deixa de ser propriedade exclusiva de uma área da ciência, para se integrar ao conjunto de referenciais de cunho mais universal, a ser utilizado em benefício da retificação do conhecimento científico como um todo, e não como um meio de ratificar arbitrariedades, criadas e sustentadas em seu nome.

O *tempo*, enquanto a razão principal do “verdadeiro debate entre historiadores e sociólogos, e até entre historiadores de diferentes correntes”, pode dar lugar à convergência, já que “o *tempo*, a duração e a História impõem-se, de fato, a todas as ciências do homem”²¹.

¹⁷ Esses termos constam do editorial redigido por Pierre Bourdieu, ao comentar a publicação do número 100, da Revue Actes de la Recherche en Sciences Sociales. Paris: Seuil, n. 100, déc./1993, p.3.

¹⁸ FOURQUET, François. Um novo espaço-tempo. In: LACOSTE, Yves(Coord). *Ler Braudel*. Campinas: Papirus, 1989, p.85.

¹⁹ BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. Porto:Saber, 1986, p.18 e 14.

²⁰ IDEM, op. cit., 18 e 101.

²¹ BRAUDEL, op. cit., p. 36 e 75.

Nesse contexto, a categoria *tempo* passa a ocupar uma posição central no interior das várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, mesmo se estiver sendo enfocada a partir das especificidades de cada uma delas. E, obviamente, é na História que continua sua primazia, já que “para o historiador tudo começa e tudo acaba pelo tempo”²².

4. O tempo e suas dimensões

A concepção sobre *tempo* enquanto uma medida, tem interesse em verificar como os seus “movimentos se entrelaçam, onde ocorre as suas interações e os seus pontos de ruptura”²³. Essa é uma perspectiva da história elativa ao *tempo*, além de outras, que pode ampliar as análises e estudos desenvolvidos nas demais áreas, assim como favorecer a diluição das barreiras que têm complicado o avanço das Ciências Humanas e Sociais.

Afinal, analisar um fenômeno dissociando-o da dimensão temporal é efetuar uma explicação mutilada do mesmo, pois o *tempo* sempre existe de alguma forma nas coisas. Ele não existe em estado puro, mas “é constituído do cenário que encerra”²⁴. Conforme Braudel, podemos classificar os fenômenos em três níveis, considerando o *tempo* em que eles se constroem: os fenômenos de curta duração (o fato ocorrencial, cronológico); os de duração intermediária (os ciclos, por exemplo) e os de longa duração (mentalidades, tecnologias).

Mais recentemente, um outro elemento está sendo considerado nas pesquisas: trata-se dos momentos de ruptura. Para Foucault - que segue as referências de ilustres estudiosos como Bachelard, Canguilhem e Koyré -, “foi a **descontinuidade** que mudou de *status*”. Antes, ela “era o estigma da dispersão temporal que o historiador tinha a seu cargo suprimir da História” e, na atualidade, tal dimensão tornou-se “um dos elementos fundamentais”²⁵ de toda análise que pretende abordar o fenômeno em suas dimensões históricas.

A noção de **descontinuidade**, em alguma medida, é paradoxal “pois é ao mesmo tempo instrumento e objeto de pesquisa”, além de exercer um tríplice papel: 1) “constitui uma ação deliberada do historiador”, visto que ele tem de fixar por meio de algum critério as periodizações que lhe convêm; 2) “é também o resultado da descrição”, pois o que se pretende descobrir são os limites de um processo e dos demais aspectos que configurem rupturas; 3) é um conceito em constante construção, pois “toma

²² Idem, p. 34.

²³ Idem, p. 35.

²⁴ ²⁴ FOURQUET, François. um novo espaço-tempo. In: LACOSTE, Yves (coord.). *Ler Braudel*. Campinas: Papirus, 1989, p. 86.

²⁵ FOUCAULT, Michel. op. cit., p. 57 e 58.

uma forma e uma função diferentes, conforme o domínio e o nível aos quais é atribuída”²⁶.

As considerações expostas até aqui destacam as novas tendências do pensamento contemporâneo quanto à análise do *tempo*, as quais procuram salientar os vários níveis em que os fenômenos se constituem, além de inserirem a ruptura e a descontinuidade como elementos que pertencem à configuração das trajetórias dos mesmos.

As valiosas contribuições de Bachelard sobre o *tempo*, por exemplo, enfatizam um aspecto extremamente importante dessa categoria - aspecto que ele denominou **dialética da duração**. Do seu ponto de vista, parece “impossível não reconhecer a necessidade de basear a vida complexa numa pluralidade de durações que não têm nem o mesmo ritmo, nem a mesma solidez de encadeamento, nem o mesmo poder de continuidade”²⁷. Para o autor, “apenas aquilo que tem razões para recomeçar” permanece no *tempo*, e sua construção baseia-se em esforços rítmicos. Os ritmos, segundo ele, caracterizam-se como um “sistema de instantes”²⁸, sendo então necessário admitir-se a “alternância temporal”²⁹. O *tempo* - vivido, pensado ou ensinado - funciona como obstáculo ou auxílio, alternadamente, constituindo-se de uma série de rupturas.

As relações sociais necessitam não só de um dado *tempo*, mas também de um espaço determinado, cuja ocupação “supõe a sua constituição enquanto **lugar**”. Os registros do passado são captados por meio do que registramos em nossa **memória** em relação ao “espaço que leva dentro de si, comprimido, o tempo”. Assim, o *tempo* e a duração são resgatados “através da lembrança de espaços diversos ou de fixações diferentes de um mesmo espaço”. Nessa medida, “o espaço objetivo não existe. E se existe, não conta - salvo como possibilidade e limite. O que conta é o **território**, uma noção subjetiva - ou, se se preferir, objetivo/subjetivo - de índole individual ou grupal e de extensão variável”³⁰.

Enquanto formas de representação e de materialização do *tempo* no espaço, resultantes de uma construção social, **lugar** e **território** jamais são neutros; analisá-los permite comunicar a quem sabe ler as inúmeras expressões referentes ao relacionamento dos homens entre si, e com a

²⁶ FOUCAULT, Michel. op. cit., p. 57 e 58.

²⁷ BACHELARD, Gaston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988, p. 7.

²⁸ BACHELARD, op. cit., p. 8 e 9.

²⁹ É a noção de descontinuidade que, mais tarde, foi aplicada por Foucault em suas investigações, conforme referências feitas anteriormente.

³⁰ VIÑAO FRAGO, Antonio. Del espacio escolar y la escuela como lugar : propuestas y questiones. In: *Revista Interuniversitaria Historia de la Educación*. Salamanca: Salamanca, n.12-13, 1993-1994, p.17 a 19.

natureza³¹. Nessa perspectiva, o registro do *tempo* passado, que se encontra comprimido no espaço, é captado efetivamente pelas **memórias**.

Nessa perspectiva uma abordagem a ser considerada é a de Maurice Halbwachs, que “abre um novo caminho para o estudo sociológico da vida cotidiana”³², na *medida* em que trata da relação entre **memória** e duração. Analisar memórias implica operar com “uma definição do tempo”, considerando-se que os fenômenos não se desenrolam em um meio homogêneo e uniforme³³. Como o *tempo* a **memória** também está associada ao espaço, pois “a história anterior, a memória, em suma, é um depósito de imagens” e constitui-se “uma realidade psicológica viva” somente quando o *tempo* vivido ou pensado associa-se ao espaço que lhe deu materialidade³⁴.

Esses **lugares e territórios** - “espaços materiais, visualizáveis”³⁵ - podem ser captados, operacionalmente, através de depoimentos, memórias coletivas, memórias históricas, lembranças - todos esses recursos disponíveis ao pesquisador. Segundo Halbwachs, o depoimento não tem sentido senão em relação a um grupo e depende do quadro de referência no qual evoluem o grupo e o indivíduo que o atestam. Já a lembrança é concebida “como a fronteira e o limite”(…) “de todas as interferências coletivas” que correspondem à vida dos grupos³⁶. Já a distinção que o autor faz entre “memória histórica” e “memória coletiva” é igualmente esclarecedora, mesmo que tenha ficado incompleta em seus estudos. A primeira “supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e é projetada no passado reinventado”, enquanto a memória coletiva “recompõe magicamente o passado”³⁷.

A história de vida enquanto um método biográfico, “cujo objetivo é - a partir da totalidade sintética que é o discurso específico de um indivíduo -, reconstruir uma experiência humana vivida em grupo e de tendência universal”, constitui-se numa forma de resgatar o conteúdo da **memória coletiva**³⁸. Assim, a história de vida permite a objetivação de fenômenos que, até bem pouco tempo, eram considerados como subjetivos, desde que se utilizem “técnicas operacionais que possibilitem alcançar esses níveis de análise”³⁹.

³¹ IDEM, p. 19. O autor ilustra suas considerações teórico-metodológicas, aqui expostas de forma muito resumida, a partir da análise da instituição escolar enquanto **lugar**, constituindo-se uma referência obrigatória aos estudos e pesquisas que se desenvolvem em contextos institucionais.

³² HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p.9.

³³ Idem, p. 13.

³⁴ VIÑAO FRAGO, op. cit., p 18 e 19,

³⁵ Idem, p.18 e 19.

³⁶ HALBWACHS, op. cit., p. 14.

³⁷ Idem, p. 15.

³⁸ MARRE, Jacques Léon. História de vida e método biográfico. In: *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1989. p. 89 e 90.

³⁹ Idem, p. 125.

Quanto à reconstrução dos valores, conflitos e arquétipos, em função da complexidade desses fenômenos, sugere-se a “reconstrução dos testemunhos qualitativos”, referidos ao **tempo pensado** e ao **tempo vivido**. Assim, com histórias de vida que expressem a subjetividade do indivíduo - repleta de uma multiplicidade de instantes, que não retêm a totalidade -, é possível reconstruir a dinâmica que é desencadeada por um grupo social determinado⁴⁰.

A noção de **lugar de memória**, igualmente, permite uma mensuração mais objetiva quanto à temporalidade contida nos fenômenos sociais que se pretende investigar. De acordo com Pierre Nora, os **lugares de memória** “não se reduzem tão somente aos monumentos ou aos eventos dignos de memória, ou a objetos puramente materiais, físicos, palpáveis, visíveis, como aqueles a que se tem reduzido a sua utilização, pela opinião ou pelo poder público. O autor entende que se trata de “uma noção abstrata, puramente simbólica, destinada a designar a dimensão memorial dos objetos que podem ser materiais, mas também e sobretudo imateriais, como as fórmulas, as divisas, os nomes-chaves...”⁴¹. O que não significa dizer, evidentemente, que tal dimensão seja apreendida independente do contexto espacial que lhe possibilita visibilidade.

Ainda, assinala Nora, tal noção não se refere a nenhum tipo de “inventário exaustivo”, visto que se trata “da exploração de um sistema simbólico e da construção de um modelo de representações. Trata-se, pela descortinagem dos seus pólos de fixação os mais significativos, de compreender a administração do passado no presente”. Insiste o autor, “trata-se então de uma história crítica da **memória** através de seus principais pontos de cristalização. Ou seja, trata-se da construção de um modelo para se apreender a relação entre História e memória”⁴².

A insistência aqui quanto a essa dimensão do **tempo**, a **memória**, explica-se pelo fato de que toda e qualquer pesquisa consiste basicamente em reconstituição histórica. Em outros termos, o material disponível à investigação, quase na totalidade, foi produzido no passado. Tal condição exige um conhecimento cada vez mais acurado, por parte do cientista, quanto ao modo de se capturar a dinâmica do real, já que é o **tempo** passado que detém os registros desse mesmo real. Em outros termos, a **memória** contém, expressa e plasma no presente o real construído, instrumentalizando o **tempo** presente, que se projeta no **tempo** futuro.

⁴⁰ Idem, p. 125 e 126.

⁴¹ NORA, Pierre. La notion de *lieu de mémoire* est-elle exportable ? In: BOER, Pim den & FRIJHOF, Willem (org.). *Lieux de mémoires et identités nationales*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 1993, p.8.

⁴² Idem, p. 8 e 9.

Nesse sentido, são também valiosas as contribuições de Le Goff, que considera a **memória** como um “instrumento de poder”, quando associa **lugar de memória com lugar de poder**. A **memória** “faz-se presente, de um modo impressionante, em um ato fundamentalmente político, no sentido moderno do termo”. Aliás, um ato fundador que passa a ser repetido sempre como um ritual, assumindo o caráter de algo sagrado, “é feito justamente para dar a ilusão que a memória está sempre presente para manter a imobilidade da História, após tal ato”⁴³.

O autor observa que “a memória não existe sem o seu contrário. O fenômeno completo é a memória e o esquecimento”. Hoje, no entanto, o fenômeno da **memória** é profundamente contraditório. O que se verifica na atualidade é que por um lado, a **memória** tem à sua disposição possibilidades excepcionais, com o desenvolvimento da tecnologia; mas, por outro, sofre “uma grande pressão para ocultar o passado, a recusar a memória”. Prova disso “é o retorno ao **evento**, o qual tende a nos manter fortemente presos ao presente” e, nesse sentido, “de uma certa maneira, a televisão é uma assassina da memória”. Contudo, o autor assinala que “o **tempo** presente não existe, é incompreensível sem a presença da memória, sem essa presença do passado”⁴⁴.

Ao considerar o significado do **tempo** na construção da realidade social é importante assinalar que “o tempo é invenção ou ele não é nada”⁴⁵. Essa idéia “explica-se de maneira bastante pertinente pelo jogo da **contingência**, no interior da necessidade de lei que se registra na natureza”, segundo a qual nenhum desses pólos contrários obtém uma “uma vitória definitiva sobre o outro”. Nessa perspectiva, entende-se que as marcas próprias do **tempo** situam-se na **contingência**, na novidade, no imprevisível e “onde há tempo, existe o jogo -, dimensão lúdica da natureza”⁴⁶.

A importância de se contemplar a **contingência** enquanto uma das dimensões que constitui o **tempo** encontra sua explicação no pressuposto de que “o roteiro da História resultará da decisão livre dos seres racionais e o seu fim dar-se-á em cada momento presente”⁴⁷.

Sem dúvida, a inclusão dessas categorias em relação aos estudos e pesquisas que se situam no âmbito das Ciências Humanas e Sociais permite um aprimoramento significativo dos instrumentais disponíveis, ao fornecer e objetivar mais um meio de se mensurar o real, o que possibilita uma apropriação mais rigorosa dos fenômenos a serem investigados.

⁴³ LE GOFF, Jacques. *Passé et présent de la mémoire*. In: BOER & FRIJHOF, op. cit. p. 34 a 37.

⁴⁴ Idem, p. 40 e 41.

⁴⁵ Mais detalhes In: JACOB, François. *Le jeu des possibles*. Paris:Fayard, 1981, p. 63 a 68.

⁴⁶ PIETTRE, Bernard. *Philosophie et Science du Temps*. Paris:PUF, 1994, p. 86 a 90.

⁴⁷ WEBER, Thadeu. *Hegel - Liberdade, Estado e História*. Rio de Janeiro:Voices, 1993, p. 244. Essa obra tece considerações sobre a **contingência**, oferecendo subsídios à sua construção enquanto uma categoria de análise.

5. Tempo e construção dos saberes científicos

A posição *carrefour* que o *tempo* ocupa junto às Ciências Humanas e Sociais constitui uma possibilidade ímpar de retificação do conhecimento científico, à medida que essas áreas da ciência procuram explorar todo o potencial epistemológico de que dispõe essa categoria universal - o *tempo*. Estudos e pesquisas, em especial, àqueles que se referem à Educação, podem ser extremamente beneficiados ao explorarem suas inúmeras dimensões e, desse modo, oferecem mais elementos que constitui a complexidade do real.

Também vale assinalar que vários entraves ao avanço e desenvolvimento das sociedades estão associados a certas concepções e valores que desempenham o papel de verdadeiros obstáculos epistemológicos. Um caso exemplar, nesse sentido, refere-se à concepção da categoria *tempo*, que comumente aparece dissociada do real, mesmo que se saiba que tudo é *tempo*, tudo contém um dado *tempo*. Ao dissociar-se o *tempo* da matéria (do real), nega-se o seu movimento, nega-se a mudança, enquanto uma dimensão fundamental que envolve essa categoria, por atribuir-se o movimento ao *tempo* e a conservação à matéria.

Sem dúvida, o pesquisador precisa exercer sobre si mesmo uma vigilância constante, para não ratificar as pré-noções que fazem parte de toda sociedade, já que a sua formação enquanto cidadão e intelectual foi produzida em tais contextos.

Os estudos e investigações que desenvolvo junto à linha de pesquisa **FORMAÇÃO, TRABALHO, INSTITUIÇÃO**, com base no projeto “A formação em escolas de ofício católicas do RS, 1860/1997”, supõem uma estreita articulação entre as perspectivas sociológica e demais áreas das Ciências Humanas e Sociais. Para se apreender o movimento desse processo, realizado em instituição escolar, assim como sua inserção na sociedade enquanto uma das esferas que a produz, faz-se necessária a análise das inúmeras articulações estabelecidas no decorrer do *tempo*, as quais são sustentadas através de relações de disputa pelo poder, tanto no campo educacional como entre os agentes de outros campos do espaço social, principalmente com os representantes do campo do poder⁴⁸.

Ainda, esse é um dos problemas que só no *tempo* longo pode ser resolvido, significando dizer que essa pesquisa é frutífera, desde que se privilegie a longa duração - uma das dimensões do *tempo*, enquanto categoria de análise.

A temática da referida pesquisa - central para o campo educativo - revela-se, igualmente, muito frutífera, ao ser investigada numa perspectiva

⁴⁸ Essa abordagem utiliza-se do referencial de análise proposto por Pierre Bourdieu.

interdisciplinar. Por isso, elaborou-se e está em andamento um Projeto Integrado⁴⁹, que envolve algumas instituições universitárias (PUCRS, UFRGS e UNISINOS), com a participação de pesquisadores de distintas áreas das Ciências Humanas e Sociais - como a Sociologia, a História e a Educação.

Com o título “**Urbanidade e cidadania: processos de formação e de instauração de saberes**”, tal projeto articula várias sub-linhas de pesquisa, que privilegiam o *tempo* como uma das categorias centrais, ao investigar, a partir de cada uma das problemáticas elaboradas, como tem se instaurado a formação que vem construindo o cidadão no decorrer do séc. XX, no estado do Rio Grande do Sul.

Parte-se do pressuposto, para construir as possíveis explicações ao problema de pesquisa mencionado acima, de que a descontinuidade verificada na estrutura e na organização do processo de formação do cidadão, assim como os principais saberes instaurados nesse processo, estão associados à dinâmica estrutural do campo do poder (social, econômico e político) e a sua articulação, ao mesmo tempo interativa e conflitiva, com a dinâmica estrutural dos demais campos do espaço social⁵⁰.

Os sub-projetos que materializam as várias problemáticas de estudo são os seguintes:

- * Formar o cidadão: uma proposta da escola de ofício católica
- * As iniciativas assistenciais e a formação do cidadão
- * As ações e práticas formativas da medicina social no Rio Grande do Sul
- * A constituição dos agentes do Estado: contribuições para a formação do cidadão
- * Sindicalismo, estratégias pedagógicas e a formação operária

6. Considerações finais

A necessidade de articulação entre as disciplinas é evidente, já existindo vários pontos de consenso junto aos estudiosos sobre essa questão. É possível concluir, de acordo com o que foi exposto aqui que, no momento, o que importa, mais do que o debate em torno das recíprocas fronteiras, são as alternativas que possibilitem a convergência entre as diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais⁵¹.

⁴⁹ O referido Projeto Integrado conta com financiamento do CNPq e FAPERGS, órgãos federal e estadual, respectivamente.

⁵⁰ In: Projeto Integrado, mimeo, p. 7.

⁵¹ É o que propõe BRAUDEL sugerindo aos pesquisadores dessa área que “tentem antes traçar melhor, através das nossas investigações, as linhas que possam orientar uma investigação coletiva e também os temas que permitiriam alcançar uma primeira convergência”. In: BRAUDEL, op. cit. p. 39.

Desse modo, explorando as possibilidades que a categoria *tempo* dispõe por sua posição *carrefour*, ampliam-se as chances de se romper com uma postura que distancia as Ciências Humanas e Sociais dos debates étnicos e políticos vividos pela sociedade, constituindo-a mais como auto-referência feita por especialistas, para especialistas, o que coloca em evidência o problema grave da qualidade discutível de suas produções⁵².

Nesse sentido, uma importante contribuição que estudos e pesquisas podem oferecer ao avanço da ciência consiste em, ao se privilegiar o *tempo* como uma das categorias centrais de análise, procurar instaurar rupturas em toda e qualquer concepção que dissocia o *tempo* das dimensões que lhe constituem, tais como: **memória**, relação, invenção, construção, movimento, mudança... Até porque isso é uma condição para se falar em ética, em liberdade, em cidadania. Enfim, é fundamental reduzir as chances da ratificação do senso comum pela pseudo-ciência, o qual assume o *status* de postulado científico transformando-se, desse modo, em obstáculo epistemológico ainda mais resistente: é sempre mais difícil romper com um conhecimento dito científico, já que ele se apresenta “como uma moral disfarçada em ciência”⁵³.

Há uma descontinuidade quanto aos âmbitos que são mais propícios à instigação dessas preocupações e interesses, junto às Ciências Humanas e Sociais. Mas, desde a década de sessenta, o lugar de maior interação entre as suas várias áreas - entre a **Sociologia** e a **História**, por exemplo -, e um dos mais promissores, é o da **Educação**. Sendo assim, linhas de pesquisa com projetos referentes ao campo educativo, e que privilegiem a categoria *tempo* - e as categorias de análise a ela associadas como a **memória** -, têm condições de integrar as várias perspectivas de tal área do conhecimento, com possibilidade de instaurar através da investigação, o único meio de ratificação dos saberes científicos já construídos, o desenvolvimento e o avanço da ciência.

Desse modo, espera-se que as Ciências Humanas e Sociais em seu conjunto readquiram, em parte, a sua capacidade de **anunciar** as tendências referentes à construção do social, como já aconteceu com seus fundadores (Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx), procurando basear-se numa perspectiva que, como forma de superação do formalismo e do utilitarismo,

⁵² CAILLÉ, Alain. La démission des Sciences Sociales. In: *Revue Sciences Sociales*, Paris, n. 38, 1994, p.37.

⁵³ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 40.

retome as suas origens, no sentido de participar da criatividade política da atualidade⁵⁴.

⁵⁴ CAILLÉ, op. cit. p. 36.